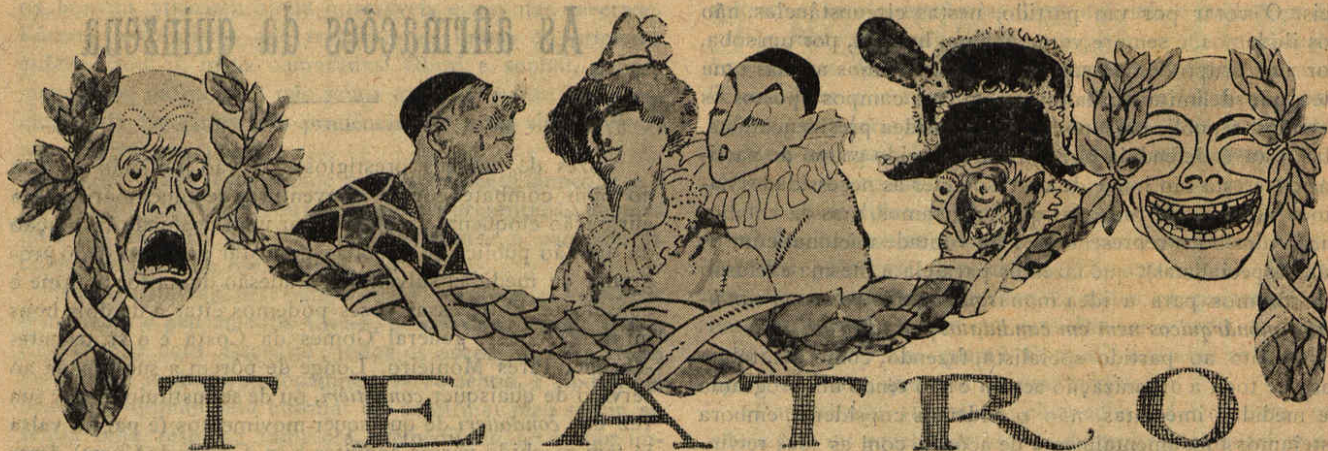
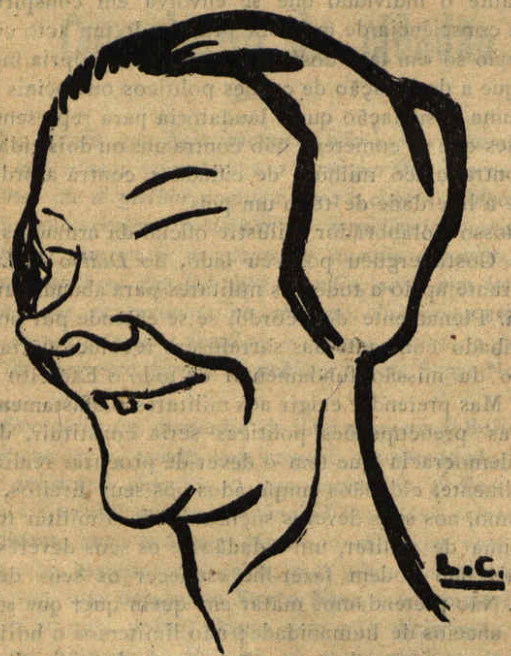




«Uma Mulher sem importância», de Oscar Wilde, tradução de Célia Roma. Reparação de Lucília Simões no Politeama.

Oscar Wilde, esteta puro, «dandy» duma requintada insolência, cujo desprezo pela moral e pelas convenções sociais o arrastou ao ergástulo



onde irisou de lágrimas o seu mais belo canto, *De Profundis* — deu a toda a sua obra uma irreabilidade, uma vida bizarra, um encanto de impecável forma, que o tornam quase incompreensível para a multidão. E o teatro vive da multidão, uma multidão mais ou menos escolhida, mais ou menos elementar e acessível aos grandes sentimentos, mas bastante refractária às melindrosas obras de arte, artificiosas e excepcionais como plantas de estufa, anormais na cor, no aroma, na originalidade estilizada das suas hastes e flores. Para um esteta «dandy», sujar os dedos de tinta já seria um imperdoável deslize, se, na verdade, ter talento ou génio não fôsse a suprema elegância, inatingível mesmo ao escrevinhador Lauzun e ao estéril Brummell. Mas escrever para o teatro essas obras de requinte, não criando, como Shakespeare, Maeterlinck, ou Tagore, um ambiente místico ou alucinado, é aproximar-se da hidra das mil cabeças, sem uma vara de condão. A hidra enerva-se, por vezes sorri, seduzida, por vezes boceja discretamente, mas raro se entrega, rendida de entusiasmo e enternecimento.

Entre o palco e o público, em peças como «Uma Mulher sem importância», título a cuja tradução a crítica autorizada e independente de Jorge de Faria já fez justos reparos — entre o dramaturgo, desdenhoso das convenções mundanas e teatrais, e a plateia inquieta, há como que uma cortina transparente impermeável à calorosa simpatia, ao choro ardente, à ansiedade comunicativa, à sublime comunhão daqueles sentimentos eternos e simples que abalaram sempre o coração humano. Lord Illings é Wilde e o grande artista dá um brilho tanto mais excepcional a essa figura, quanto deseja penitenciar-se de prestar culto àquilo que ele julga, na sua frígida

torre de cristal, os medianos princípios da honra, da bondade, da ternura, simbolizados na figura admirável dessa mulher... banal.

Se uma lufada de vida repentinamente envolvesse a meia dúzia de figuras da peça, ficariam elas mais engrandecidas, ou apagar-se-iam, irremediavelmente, como pálidos figurinos de paradoxos e de ideias?

Lucília Simões, ou quem a aconselhou, merece os melhores louvores por ter escolhido, para o seu reaparecimento, uma peça em que não há trucs banais, tiradas puxando o sentimentalismo mercantil, e o recorte dos efeitos gastos ou das situações de clássica vulgaridade. Ela sumira-se há treze anos, do palco, em plena celebridade, e só um ou outro sobressalto do demónio ou do deus dos bastidores a sacudiram lá longe, no seu lar de estrela aposentada. Foi esse deus ou esse demónio, artificioso, deslumbrante, que pareceu moldar-lhe, à nascença, como numa caracterização para toda a vida, as feições irregulares uma a uma, mas tão expressivas no conjunto, e aquela voz voluptuosa e felina, e as atitudes serpentinadas de rapariga e de mulher. Que teria realizado, durante esses treze anos, no seu espírito e na sua máscara, o trabalho obscuro e lento da vida? Não apenas a transformação que resulta da leitura e dos dramas violentos da existência; quantos grandes artistas, de resto pouco inteligentes, desprezam os livros e se amoldam a uma vida regrada e de cominhos interesses! Mas a maturação da experiência, da observação, o desabrochar completo da individualidade, que ou inutiliza o lume efêmero da juventude, ou alteia soberanamente a individualidade dos artistas.

Lucília Simões, que não parece ter mais de trinta ou trinta e cinco anos, teve o bom gosto de reaparecer num papel que não lhe diminui a idade, e numa *toilette* que não lhe permite avultar a sua figura desenvolva



Lucília Simões no início da sua carreira teatral, no *Cyrano de Bergerac*. caricatura de Leal da Camara, publicada no n.º 5 da *Corja*, em julho de 1898

e esbelta. Quanto mo deixam julgar as recordações de há treze anos, a sua voz enriqueceu, em graça, em emoção, na poderosa maleabilidade das inflexões. A sua máscara enobrecceu-se dolorosamente, dando-nos os sofrimentos duma mulher despresada, amarfanhada pelo sedutor e pela hipocrisia alheia. As atitudes, os gestos, o modo de olhar e de escutar, o reflexo das paixões íntimas, a elegância altiva no pisar do palco,

a violência concentrada do amor materno, que recalca e redime os remorsos da pureza perdida — e, em tudo, a simplicidade que é, para todas as artes, a mais elevada nota da perfeição e da beleza — fizeram que Lucília Simões reaparecesse em scena, não pela entrada banal da D., da E. ou do F., mas sob um arco triunfal, afestoadado de rosas.

Ribeiro Lopes, que tem inegáveis qualidades de bom actor, fica esmagado sob um papel que reclama a voz, a elegância e a estatura de Le Bargy. O papel exigiria uma distinção e um cinismo supremos. O excelente artista, mesmo nos bicos dos pés, não chega à altura verdadeiramente excepcional da figura. Dá, no entanto, o que se consegue com uma vocação muito apreciável, intelligência, probidade e estudo.

Lucinda Simões, como sempre, muito bem. Amélia Pereira com muita correcção. Brunilde Caruson quebra a linha de mulher da sociedade, que não dispensa a figura impúdica da personagem. Erico Braga sem grande relêvo nem unidade. Maria Côrte Real numa mediania sofrível. Os mais... sem importância.

Dispensava-se o arremêdo dos «Peraltas e Sécias», no fim do 2.^o acto, com o péssimo soneto dedicado à dinastia Simões, e os beijos e abraços efusivos, em scena, a ponto de o público se julgar indiscreto por assistir àquela íntima e comovente festa de família.